

Cartografias quase-invisíveis

Não há qualquer dúvida que se trata de uma cartografia (também). Saberes e experiências, acontecimentos e provocações atualizam no movimento da vida urbana, das memórias e da subjetividade, o visível. Reencontram-se coordenadas extintas pelos intensos processos de urbanização, especialmente pelas visões de mundo que se materializam nos traçados de uma cidade, nos recortes do espaço, nos distintos modos de torna-lo liso ou estriado. Se de um lado imperam essas materialidades, de outro subtrai-se quase tudo em busca de algo que está a meia-visão. Submerso, encoberto ou quase apagado. Uma parte da cidade que não se vê, mas que podemos perceber por uma lógica sutil de indícios tênues, de formas lacunares da memória apontando para essa evidência da ausência.

Para entrar na dinâmica desse mapa – nessa forma de perceber o que despistadamente se passa por baixo, aquilo que foi encoberto – a repetição do mesmo gesto pode nos dar a pista: construir uma outra cartografia para perceber os modos como operam esses *ríios e ruas* que Isabela Prado nos mostra, ou melhor, nos convoca a ver, entre, a natureza invisível do traçado não visto daquilo que foi apagado e o ainda original. Para lidar com esses pares que deslizam entre visível e invisível a cartografia é uma boa estratégia para tentar perceber como esse jogo se dá, na relação entre arte e espaço urbano.

Cartografias quase-invisíveis

1,7

Haveria uma paisagem, de cada vez que o espírito se deslocasse de uma matéria sensível para outra, conservando nessa última a organização sensorial conveniente ou, pelo menos, a sua lembrança. A terra vista da Lua por um terráquio. O campo visto pelo cidadão, a vila, pelo agricultor. A DESORIENTAÇÃO seria uma condição da paisagem. Lyotard ¹

¹ **LYOTARD.** Jean---François. Scapeland. IN: O inumano – considerações sobre o tempo. Estampa: Lisboa, 1997.

2, 3

Outro ângulo. No cruzamento de duas ruas (330 e 329) um trecho do rio, leito original. Outros espaços firmados na miniatura daquilo que agora cabe na palma da mão.



Carregar a jóia é o mesmo que carregar o que ainda resta. Fixa-la próxima ao corpo, carregá-la como adereço é o mesmo que carregar um pequeno fragmento de tempo e espaço que remetem de uma só vez para a ausência de uma paisagem e para o jogo da escala. No recorte do fragmento do rio retirou-se todo o entorno, precisava ser excluído, para assim, destacado, se inserir em outras paisagens próximas do corpo. Reduz-se o mapa de sua escala real, que não pode coincidir com o território como nos lembrou Borges. Precisa ser reduzido para fazer valer a experiência de ver de cima. Do *google maps* à jóia o trajeto da territorialidade do vazio. Liso. Muros e terrenos vazios, com pessoas que por ali conversam. De adereço do corpo para o meio da rua, duas grandezas no jogo da escala.

2,5

Reaprendendo a ver a paisagem pelas ausências.

Os territórios são redesenhados. A paisagem, articulada na desorientação, ensina a ver o que se perdeu e o que ainda resta. As escalas se tornam mutantes e transferem-se em aplicações diretamente na parede ou em rasgos no *dry-wall*. Tudo branco. A paisagem se redefine na abertura para que o Outro possa criar os trajetos com os rios que naturalmente ainda atravessam a cidade. No entanto, a cidade vai estriando o espaço para daí fazer surgir outros entornos e formas de vida. Isabela, talvez repetindo a

mesma operação de *Jóia*, elimina os entornos e nos mostra o que ainda resta desses rios em leitos naturais, o que ainda não foi encoberto. Mas de outro lado o traço torna-se corte no *dry-wall* para revelar o que vemos a meia-vista, encoberto e redefinido pelo estriamento gritante da cidade. Baixo relevo. *Montante/Jusante* nos diz disso. Cartografia do invisível. Leito de rio ou montanha? Se é rio, qual rio? Aqui mais uma vez retira-se a informação para no silêncio, no entorno esvaziado, dar visibilidade ao que nossa experiência no tempo presente não consegue mais ver. As imagens vindas do passado podem cortar os traços e sulcos reintegrando o seu referente real. A ausência de imagens com identificações mais diretas contrapõem-se ao mapa retirado do Google, origem de *Jóia*. A visibilidade de muitas formas e regimes, mais uma vez nos convocando a redefinir a noção de paisagem, levando também ao tempo.

Timescapes. Paisagens temporais que podem unir, em arranjos inéditos, as tradicionais dimensões do tempo abrindo para outras experiências, como contemplar.

4, 5

Em torno de formas descontroladas de criar mapas e continentes. O tempo é nosso camarada.

É essa dimensão do tempo que também revela o *mapa mofo*. O sinal de alguma coisa que não está mais ali, surge de forma descontrolada na vida cotidiana, dando forma a traçados quase invisíveis formados pela infiltração. Nas casas e prédios próximos aos rios encobertos, a infiltração torna-se mais uma vez, mapa de um continente invisível que podemos contemplar em sutis e lentas mudanças, talvez reproduzindo no vídeo o trabalho do tempo para formar esses continentes brancos.

0,4

Antes de qualquer coisa é importante lembrar que o espaço também molda a subjetividade, como nos mostrou Guattari²: “Pode parecer paradoxal deslocar assim a subjetividade para conjuntos materiais, por isso falaremos aqui de subjetividade parcial; a cidade, a rua, o prédio, a porta, o corredor...modelizam, cada um por sua parte e em composições globais, focos de subjetivação”.

² **GUATTARI**, Félix. *Caosmose – um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro, 34 letras, 1992

Rua seiscentos e vinte e nove no limite entre Belo Horizonte e Sabará. Ouvindo os ruídos do rio cheio.

Ouçó os ruídos de um rio que não vejo. A paisagem que contemplo é uma rua, no meio de uma cidade. Ouço, mas não vejo o rio que é origem desse som. Essa dinâmica entre visíveis-invisíveis é também o ponto de partida para *Repaisagem*. Uma paisagem que, assim como as demais, é construída pelos agenciamentos sociais, culturais, estéticos e políticos, mas redesenhada e redefinida pela participação do público que, tomando trajetos e derivas, desenvolve uma imaginária bacia hidrográfica pautada em fragmentos recortados do real. Enquanto isso, pode-se ouvir os sons de rios ocultados na paisagem urbana. Paradoxo de uma situação limítrofe entre o que está ali e não se pode mais ver, contraposto ao que vemos em representação tomado como ponto de partida para uma recriação.

3,79

Se essa rua fosse minha

As lições vão continuar. Uma heterotopia que vai se construindo pela invisibilidade de rios que se tornaram ruas. Aprender a tocar o violino, em lições regulares, realizadas sobre essas ruas---rios celebram o invisível e a utopia de que a superfície possa mudar o entorno e recriar a paisagem. Talvez uma certa melancolia do som do violino, produzido pelo artista---aprendiz, faça com que se pense em outros tempos nos quais era possível ouvir o sussurar desse rio que cortava a cidade. Quantas lições serão necessárias para que seja possível ouvir esse rio?

Eduardo de Jesus é professor da Faculdade de Comunicação e Artes da PUC Minas